

POTENCIALIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE MENTAL COLETIVA

JEFERSON SANTOS JERÔNIMO¹; RICARDO BURG CECCIM²

¹Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva - UFRGS -
jefersonsj@uahoo.com.br

²Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva - UFRGS -
ricardo@ceccim.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este texto é parte do material produzido como Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização-Residência em Saúde Mental Coletiva do Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva do Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde/EducaSaúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, defendido em março de 2016.

2. METODOLOGIA

Relato de experiência que apresenta na forma de narrativas fatos que vivenciei em território, nos cenários de prática durante dois de residência - 2014 e 2015 - passando por um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) na cidade de São Leopoldo, pela Divisão de Apoio ao Usuário Morador do “Hospital” Psiquiátrico São Pedro, o Serviço Residencial Terapêutico Morada Viamão, outro CAPS e um projeto de extensão da UFRGS, na cidade de Porto Alegre.

Entendendo a escrita como um processo de transformação libertária, um desvio, um esforço, a visualização de si dentro das confusões do mundo, tal processo é um exercício de saúde, a constituição de uma língua arrastada por um delírio (DELEUZE, 1997), a libertação de emoções e afetações. Assim, tentei discutir as relações entre pessoas em atendimento/profissionais da saúde e seus atravessamentos como processos terapêuticos, vínculo, estigmatização do sujeito com sofrimento psíquico, potencialidade de ações pautadas no diálogo e na amorosidade e a relação Estado Democrático de Direito e Sociedade Civil. Não quis narrar sofrimento ou fantasmas, mas um processo de formação, profissional e subjetiva, encontros, encontros comigo mesmo, desvios e “devires” (DELEUZE; GUATTARI, 1997), que me fizeram também encontrar outras pessoas, pessoas chamadas de “usuários”.

Dessa forma, tentei discutir as relações entre profissionais e pessoas em atendimento narrando alguns dos fatos que vivenciei destacando minha passagem por dois CAPS, um no município de São Leopoldo e outro em Porto Alegre. Pretendi abordar os saberes e afetos que me tocaram em minhas práticas cotidianas nesses espaços e as reverberações para o meu processo de formação e de produção de subjetividade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante esse percurso, tive contato com diferentes profissionais, de diferentes formações: artes, pedagogia, enfermagem, psicologia, medicina, terapia ocupacional, serviço social e educação física, entre outros. Pude observar que muitos deles aprendem a trabalhar por meio de sua própria prática, que está fora de

sua formação acadêmico-científica e outros se limitam a utilizar saberes específicos de seu núcleo de formação profissional. As realidades que vivenciei me apresentaram praticamente dois modelos de intervenção em saúde mental, um pautado em saberes acadêmicos “nucleados” e outro “desviante”, o qual coloca o fazer no cotidiano de trabalho (práticas), o falar e o agir, como partes de um processo de constituição de discursos, no sentido posto por Foucault (2014), constituição de formações subjetivas e profissionais, as quais são colocadas nas relações com as pessoas em atendimento nos serviços.

Neste trabalho, parto do entendimento de que o fazer em saúde mental transborda os saberes acadêmicos e vai além das dicotomias corpo e mente e do debate entre os saberes das ciências biológicas e humanas, como um mosaico “que se faz enquanto é feito” e que “mesmo seguindo um plano original” sempre muda durante “sua lenta execução” (RAMIL, 2008, p. 76-77).

Apassagem pelos campos de prática, principalmente pelos CAPS me fez questionar a posição que ocupamos na sociedade, como somos vistos, como vemos os outros e como somos incluídos ou excluídos ou ainda incluídos pela exclusão através de estigmas e subjetivações (AGAMBEN, 2010; FOUCAULT, 2011). Nessa perspectiva me posicionei em uma lógica “entredisciplinar” (CECCIM, 2004), ao menos tentei me colocar em uma travessia, em constante movimento, inclusive de meu próprio corpo (90 minutos entre ônibus e trem), em um lado de fora que não é simplesmente o lado externo das relações, mas sim um espaço vazio e, por isso, repleto de possibilidades, um “não-lugar” em que é possível criar, no caso da saúde, produzir vida ou potência de vida (DELEUZE, 2013, p.93).

Participei de grupos psicoterapêuticos, realizei atendimentos individuais, fui técnico de referência, coordenei rodas de conversa e até apliquei atividades físicas, pude vivenciar a realidade dos serviços com liberdade de ação, de fala e de escuta em uma posição privilegiada de trabalhador/estudante/residente (JERÔNIMO; RECH, 2016).

Esse hibridismo possibilitou um contato diferenciado com as pessoas em atendimento, pude utilizar o CAPS como espaço de construção de autonomia, possibilitando ao usuário um espaço alternativo de fala, capaz de potencializar sua história de vida e ao mesmo a minha história de vida, minha autonomia, como sujeito, como profissional e também como usuário do serviço. Questionando a racionalidade biomédica da psiquiatria e nossas posições na sociedade, demonstrando a complexidade do sofrimento humano através das relações interpessoais e dos processos sociohistóricos, como coloca Yasui (2010).

Nas situações de confraternização ou na sala de espera/ambiência, durante os diálogos fui indagado diversas vezes pelas pessoas em atendimento: “... *porque que tu está se tratando aqui?...*”; “...*quem é teu técnico de referência?...*”; me lembro da fala de uma senhora: “...*até agora não sei o que Jeferson faz aqui, sei que ele parece mais louco que a gente...*” Acredito que isso seja alteridade. Assim tentei demonstrar um “jeito diferente de trabalhar”, um jeito do fora, um fora desarrazoado (PELBART, 2009), como em uma pequena apresentação que organizamos com um dos grupos de psicoterapia de que participei, um grupo de depressivos severos que se articulou e criou uma peça teatral, da qual fui apenas participante, o grupo criou o enredo, o figurino e as falas. Elas eram plantas e eu um jardineiro autoritário que ao conhecer outros dois jardineiros libertários, aprende a cuidar das plantas do jardim.

De certa forma todos somos usuários dos serviços de saúde, porém em posições diferentes: trabalhadores, pessoas em atendimento, gestores, vizinhos. Assim, como nos relacionamos com o metadiagnóstico que determina formas de

vida e o particular/singular que chega ao trabalhador através da pessoa que está em sofrimento? e esse sofrimento é só dessa pessoa ou também compartilhamos essa dor? Nessa perspectiva, devemos trabalhar no horizonte de superação da simples nosologia de forma que o diagnóstico não represente a possibilidade desse sujeito ser incluído em políticas públicas assistenciais, mas a possibilidade de construção de uma “forma de vida”, trabalhando a relação contingente entre o universal e o particular/singular (DUNKER, 2015).

Os encontros que vivenciei me fazem pensar como pode ou deve ser o trabalho, a clínica em saúde no modelo de atenção psicossocial e o que vem sendo realizado, o quanto estamos de fato contribuindo para a (re) inserção dos sujeitos na sociedade e em suas próprias vidas como protagonistas de seus desejos e o quanto estamos contribuindo para nós mesmos, como trabalhadores, sujeitos, humanos que se superam, se colocam à disposição, que se implicam e que amam. Nesse horizonte me descobri como trabalhador da saúde mental, um sujeito que ama o que faz. Como podemos observar da fala de uma pessoa que atendi: *“Já que tu escolheu essa profissão, uma coisa deu para perceber em ti, tu é daqueles que ama a profissão, não como aqueles profissionais que só pensam no salário, estes não ajudam ninguém, estes estão enganando a si próprio”*

Nesse sentido, tive excelentes encontros com profissionais, com pessoas em atendimento, consegui até fazer uma oficina de artes marciais e práticas orientais, a partir da minha formação como professor de Karate, com meditação, relaxamento e muita conversa, trata-se de uma questão relacional além dos consultórios, construída no contato direto, nas ruas, nas praças, no espaço vazio, mas repleto de conhecimento que está entre as disciplinas acadêmicas e as terapêuticas nucleadas em cada profissão, um “não lugar” (DELEUZE, 2013, p. 83-93) que está fora das relações de “poder-saber”, que potencializa o saber dos usuários do serviço.

Conheci pessoas maravilhosas com vidas repletas de alegrias, de sofrimento, de tentativas insistentes de viver além do que o sistema nos coloca, viver na rua, “*na selvageria*” como afirmava um dos usuários que conheci, o qual só em estar no CAPS com seu jeito extravagante de falar alto, nos mostrava nossos limites, limites do serviço, da assistência e limites relacionais, mas que trazia muita vida ao serviço. Como bem lembra Pelbart (2009), a loucura nos mostra nossos limites como sujeitos educados e moralistas.

4. CONCLUSÕES

Tentei indicar um caminho que ainda percorro numa “busca de si”. Contudo, tenho certeza que sou outra pessoa, mais humana, mais educada, mais acolhedora do outro e dos estranhamentos e com um aprendizado muito importante para minha vida profissional e pessoal. Talvez não tenha conseguido realizar tudo que aspirei, mas hoje de fato possuo ferramentas para ir além do núcleo profissional da Educação Física e da aplicação de práticas de atividade física, sem descon siderar sua importância, mas também ir além de mim mesmo. Considerando as dicotomizações que ainda perpassam as formações na área da saúde: corpo/mente, saúde/doença, normalidade/loucura, as residências multiprofissionais em saúde configuram-se em importantes espaços de formação e educação permanente, principalmente para o curso de Educação Física que tem uma aproximação recente com a área da saúde e ainda tem sua intervenção marcada pela aplicação de atividade física e na mensuração de parâmetros biológicos.

Passar pela residência do EducaSaúde possibilitou uma transvaloração que me deixou marcas, a marca da linguagem, da palavra franca que nos coloca em uma posição de transmutação e de ir além. Durante meu percurso, tive contato com diferentes profissionais e vivenciei diferentes processos de trabalho, muitos dos quais estão além das formações acadêmico-científicas e que de fato constituem formações subjetivas e profissionais. Porém, mais do que aprender a trabalhar, vivenciei processos de trabalho vivos e efetivos na terapêutica dos sujeitos em atendimento, o que me fez vislumbrar novas possibilidades de agir, configuradas no real como formas outras de pensar, capazes de expressar sua “vontade de potência”, representada em possibilidades de transformação de vidas, de vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Tradução Henrique Burigo. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CECCIM, R.B. Equipe de saúde: a perspectiva entre-disciplinar na produção dos atos terapêuticos. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. de. (Org.). **Cuidado: as fronteiras da integralidade**. Rio de Janeiro: Hucitec, 2004. p. 259-278.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. (Coleção TRANS)

_____. As estratégias ou o não-estratificado: o pensamento do lado de for (poder). In: DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução: Claudia Sant' Anna Martins; revisão da tradução: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013. p. 78-100.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 4**. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 54, 1997. (Coleção TRANS)

DUNKER, C.I.L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015. (Estado de Sítio)

FOUCAULT, M. A loucura e a sociedade. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Michel Foucault: Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3ª edição brasileira – 2ª tiragem. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p. 259-267. (Ditos & Escritos I)

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe B. Neves. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. (Campo Teórico)

JERÔNIMO, J.S.; RECH, C.M. Conversando sobre saúde no CAPS: uma experiência prática sobre o potencial terapêutico da roda de conversa. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v.8, n.17, p.119-129, 2016.

PELBART, P.P. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

RAMIL, V. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

YASUI, S. **Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.